

# A REGIÃO DE CANUDOS: ANÁLISE ESPACIAL DA ÁREA DE INFLUÊNCIA E DIFUSÃO DE UMA INOVAÇÃO – O INDIVÍDUO ANTÔNIO CONSELHEIRO

Sandra Maria Antunes Nogueira<sup>1</sup>

## 1.Introdução

A Guerra de Canudos, cidade localizada no semi-árido baiano, durou aproximadamente um ano (novembro de 1896 a outubro de 1897) e mobilizou mais de dez mil soldados, oriundos de 17 estados brasileiros e distribuídos em quatro expedições militares. Estima-se que neste conflito tenham morrido pelo menos vinte e cinco mil pessoas.

O palco deste conflito conforma-se através da tentativa de implementação da ordem pública por uma República recém-formada contra uma comunidade fundada por um líder religioso, Antônio Conselheiro, que defendia o regime monarquista. O Arraial que ocupou uma velha fazenda abandonada foi nomeado de Belo Monte pelo líder Conselheiro e dados oficiais datam a sua fundação de junho de 1893.

Este evento tem na história nacional uma relevância significativa não só pelos números apresentados acima, mas também pelas controvérsias e especulações que até hoje são desenvolvidas em mais de dez mil trabalhos publicados sobre o assunto.

A discussão aqui colocada busca, primordialmente, considerar a estrutura de relações que formou o evento da Guerra e a espacialização de sua influência através dos ideais do indivíduo Antônio Conselheiro. O evento é caracterizado como a interação entre homem – indivíduo e corpo, meio – espaço físico e de associações multidirecionais, e tempo – seqüências e tempos definidos.

O processo de formação da região, como “área cultural” em todas as suas manifestações e como superfície espacial é ponto relevante e imprescindível dentro da interface de Análises Regionais abordadas.

O reflexo espacial do evento é legitimado pelas relações do indivíduo com o mesmo (sejam elas sociedade-natureza ou sociedade-lugar) ou dos homens entre si.

A colocação destas relações estruturadas promove uma superação do episódio somente como uma trama política, policial e militar; estavam em jogo conteúdos,

---

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Programa de Pós-Graduação em Geografia: Tratamento da Informação Espacial. sandranog@uit.br

imagens, representações e formas de expressão traduzidas no oral e no escrito, manifestadas em gestos, posturas e comportamentos.

Estas manifestações, difundidas como inovação representada por Antônio Conselheiro formalizaram a Região de Canudos; criaram limites geográficos que colaboram para demonstrar a relevância e o quilate deste evento em todos os sentidos.

Para entendimento e embasamento deste estudo, buscou-se na Geografia Humana, na Geografia Histórica e na Geografia Cultural as possibilidades e meios para o seu desenvolvimento.

Como colocado por Ratzel, a representação do estado de coisas antropogeográfico é útil para muitos objetivos na vida; inclusive para o desnudamento na história da ocupação humana do espaço.

Dentro deste aspecto antropogeográfico, Ratzel continua explicitando que alguns povos se expandem e outros são expulsos. A Terra (espaço) não pode representar um elemento totalmente passivo, mas direciona, obstaculariza, favorece, torna lento, acelera, ordena e desordena os indivíduos graças as suas condições incomensuravelmente variadas de posições, amplitude, configuração e riquezas ambientais.

“Quando a Geografia se aproxima destes fenômenos ela entra em contato com a história, que considera o solo como a pátria do cidadão, enquanto aquela o vê como a pátria da humanidade. Também a história considera a humanidade em movimento...”<sup>2</sup>

Assim, torna-se necessária a consideração da cronologia como base fundamental para o entendimento do evento e sua interação íntima com o meio e com os indivíduos envolvidos. Podem ser referenciados aqui Ortelius, Dankwerth e Méier dando à Geografia e à cronologia status de colunas basilares e faróis principais da história.

A Região de Canudos pode ser considerada uma “área cultural”; o estudo das áreas culturais se encontra na Geografia Histórica. A compreensão destas áreas depende da análise de suas origens e do processo de formação das mesmas; daí o estudo do ideal Antônio Conselheiro, sua origem; e a relação com as manifestações dos conselheiristas; processo de construção em seqüências temporais.

A difusão que levou a formação de uma “área cultural” se coloca dentro da receptividade cultural e da “marcha cultural”. Ambas colaboram para o estudo mais

---

<sup>2</sup> RATZEL, Friedrich, O Elemento humano na Geografia. A História e a Geografia do Homem.

profundo da aceitação dos indivíduos de um grupo de um tipo de inovação e da distribuição de energia dentro de uma “área cultural”.

Enfim, um grupo em crescimento tem fronteiras ativas, sobre as quais se agrupam as energias do povo, do poder e da riqueza. Esta fronteira se inicia com a expansão, mas a energia de uma cultura, uma vez localizada nesta fronteira, pode seguir se manifestando no espaço de formas variadas, até muito depois desta expansão ter cessado.

A riqueza da cultura canudense é Antônio Conselheiro, a energia vem do sertanejo – jagunço forte e o poder é da difusão que ocupou espaço geográfico de uma cidade. Os ecos desta manifestação e as fronteiras continuam em expansão, o espaço geográfico já não mais existe, mas o patrimônio hoje se torna monumento a ser estudado em todas as suas interfaces.

#### 1.1 Relação patrimônio x memória: caracterização da relevância de eventos conflituosos como parte do patrimônio a ser compreendido e preservado

Antes de classificar os eventos conflituosos como patrimônio cabe ressaltar que o conflito que é aqui objeto de estudo gerou uma cidade, e a cidade antes de tudo é patrimônio.

Cabe aqui o conceito de cidade como território significante, espaço repleto de evocações particulares, de significados. Não pode ser considerada homogênea e imparcial.

O Arraial de Canudos como palco do evento é o espaço coletivo significante, pode ser considerado como patrimônio a partir do momento que possui o invólucro invisível, mas sensível e significativo, não só simbólico.

“...qualquer um que receba um mandato é um mero minister da autoridade que concedeu este mandato (...) um príncipe somente pode ser um minister da república e o povo, como criador do príncipe, é maior do que o príncipe que o criou...”<sup>3</sup>

Antônio Conselheiro pode ser considerado o príncipe mas o monumento histórico que a Guerra de Canudos representa é realmente delineado pelos conselheiristas; estes doaram corpos e almas à defesa de um ideal concretizado em um homem e no espaço do Arraial – uma comunidade.

---

<sup>3</sup> SKINNER, Q. Fundamentos do pensamento político moderno. In: GUIMARÃES, Cêça. *Paradoxos Entrelaçados: as torres para o futuro e a tradição nacional*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. cap. 4, p. 95-112.

Este monumento é patrimônio que precisa ser entendido para ser preservado, para não se deixar perder a memória. Patrimônio e memória são conceitos diferentes e, ao mesmo tempo, complementares. Segundo Guimarães <sup>4</sup>:

Patrimônio remete primeiramente às formas morfológicas, produzidas em diversos períodos e trajetórias. Para melhor compreendê-lo, é necessário reconhecer que as formas morfológicas também embutem um conjunto de formas não materiais, que determinaram não apenas o seu processo de criação, mas também o seu percurso pelo túnel do tempo.

Memória, por sua vez, inclui, além destas formas materiais e não materiais, aquilo que já desapareceu da paisagem e aquilo que jamais conseguiu imprimir a sua marca. Trabalhar com a memória exige, portanto, trabalhar com o que é, com o que foi e com o que não foi.

A memória está intimamente ligada ao território, ao espaço. A necessidade humana de territorialidade é bem mais profunda, do que a mera proteção de intempéries, ou do que a noção materialista de propriedade. Esta idéia está associada à relação do homem com sua existência e com o mundo, fazendo do lugar que ele habita não um lugar qualquer, mas algo ligado à sua identidade e à sua memória.

A Região de Canudos, ou o espaço territorial ocupado pelos conselheiristas é um espaço coletivo resultado da comunhão de objetivos de uma sociedade; espaço que concretiza a noção de pertinência de um grupo de pessoas a um lugar determinado.

Neste sentido, a forma física e a sua dinâmica de relações são fundamentais na construção de seu caráter particular, de sua individualidade. Considerada também necessária à identificação do indivíduo ao espaço geográfico determinado como região.

O objetivo é formalizar o conceito de região como espaço de relações multidirecionais com o indivíduo. Área única em que o homem se reconhece e se orienta – relação que gera respeito e interação com o lugar habitado.

O patrimônio a ser preservado – a Região de Canudos é entendida como fato cultural, lugar privilegiado das trocas sociais, conformado historicamente pelo cotidiano das pessoas e com elas mantendo uma relação de empatia, nascendo da história de cada indivíduo – de Antônio Conselheiro a cada conselheirista.

A região é patrimônio e monumento. Monumento no significado que abrange outros sentidos. Significado que inclui o sentido de registro de fatos de alto valor e este valor pode ser considerado conjuntural. Em contraponto, a noção de gigantismo é geralmente concreta

---

<sup>4</sup> GUIMARÃES, Cêça. *Paradoxos Entrelaçados: as torres para o futuro e a tradição nacional*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

e objetiva quando se trata de fatos históricos que já firmaram sua magnitude em comparações lineares de tempo.

### 1.2 A relevância contemporânea do objeto de estudo delineado

As comunidades, como as configuradas no Arraial de Canudos podem ser consideradas um gênero de vida. Dentro de uma visão epistemológica um gênero de vida tem sua origem e seu crescimento (como afirmação) em um lugar particular; portanto expressão histórica e geográfica.

Cada grupo, como comunidade, deve ser estudado em termos de sua própria aprendizagem, em seu habitat próprio. O entendimento desta “forma de vivenciar os espaços” por cada aglomeração humana necessita de uma interpretação.

A interpretação surge a partir da produção do conhecimento. O conhecimento de processos humanos; dentre eles os de formação de uma comunidade e ocupação dos espaços; só pode ser obtido se a situação contemporânea é entendida como um ponto em movimento, um momento em uma ação que tem começo e fim.

E a origem desta situação contemporânea através de dados também vinculados a este tempo, permitem por si mesmos encontrar meios para distinguir entre os processos que são relevantes e os que não o são.

Daí a necessidade de um conhecimento da gênese dos eventos para reconstrução de paisagens culturais (tão prolíficas no sentido de entender o surgimento de aglomerações humanas e conseqüentemente urbanas).

Três pontos fundamentais podem ser colocados como necessários para a reconstrução de uma paisagem cultural: a) conhecer o funcionamento da cultura em questão; b) o controle de todas as evidências contemporâneas; c) familiaridade com o terreno ocupado por esta cultura.

Estas evidências contemporâneas fazem da análise regional de uma área formada por um conflito histórico, metodologia indispensável para aprendizagem de uma leitura dos mais variados contextos.

As interfaces da contemporaneidade devem ser então vistas não só através do contraponto futuro x passado, mas também nas convergências configuradas pelos limites espaciais originais e atuais e além deles.

## 2. Referências Teóricas

## 2.1 A Relação com a Teoria do Movimento no Espaço ao longo do tempo: Difusão (Torsten Hägerstrand - 1953)

Esta teoria tem como objetivo principal de estudo o movimento de novas idéias e pessoas em uma área considerando vários períodos de tempo. A natureza das mudanças, ou a sua fonte geradora, também é considerada como fator relevante nesta difusão espacial.

Torsten Hägerstrand (1953) descreveu os aspectos geográficos que traduzem as bases de difusão de grande número de novas idéias e técnicas; elaborando séries de modelos de simulação, chamados Monte Carlo; aplicados à difusão.

O objetivo específico é, a partir da introdução de uma inovação em um sistema, vislumbrar o seu processo de difusão espacial. Esta observação visa uma compreensão das mudanças de distribuição entre pontos próximos ao longo do tempo.

Segundo Bradford e Kent<sup>5</sup> uma inovação é a introdução com êxito de idéias ou artefatos, percebidos como novos, num dado sistema social. A introdução de uma nova pessoa em uma área é análoga a de uma idéia e pode ser tratada da mesma maneira como inovação.

Ainda segundo Bradford e Kent (1987), difusão é o processo pelo qual a inovação é gradualmente adotada por crescente número de pessoas através do espaço ao longo do tempo.

Em uma confluência de possibilidades de produção de um conhecimento sobre a tão pouco explicada formação da “Região de Canudos”; faz-se aqui uma interpolação de parte desta teoria com o evento Guerra de Canudos e seus atores.

A análise espacial embasada nesta teoria e nos fundamentos das Geografias Humana, Histórica e Cultural permitirá concretizar limites não somente espaciais.

Os limites aqui considerados são os invisíveis, os que demonstram que: os ideais de Antônio Conselheiro foram muito além do Arraial, tomaram cidades inteiras e, mesmo às avessas, provocaram mudanças significativas ao longo do tempo nos indivíduos envolvidos no conflito.

Esta indeterminação de limites faz com que co-existam limites geográficos e limites emblemáticos, concretiza a “área cultural” que realmente formaliza a Região de Canudos.

O espaço ocupado por esta área cultural será delimitado por manifestações que serão colocadas a partir de dimensões temporais e de distâncias do núcleo canudense.

---

<sup>5</sup> BRADFORD, M.G.; KENT, W. A. *Geografia humana: teorias e suas aplicações*. Lisboa: Granada, 1987. cap. 9, p. 190-211.

O espaço geográfico no qual estas idéias foram difundidas já se configura como uma região natural singular – o sertão. Antônio Conselheiro como inovação e ideal é praticamente uma extensão deste meio físico – natural que o gerou.

Esta similaridade homem / meio acaba por definir uma estrutura sólida e indivisível, daí a receptividade dos que também são gêneses deste lugar – os conselheiristas.

Enfim, a difusão às avessas acaba sendo um caminho natural, já que os “inimigos republicanos” entram em contato com o meio e anseiam em conhecer e entender o gerador de todo o evento – Antônio Conselheiro.

### **3. Aspectos Metodológicos**

#### **3.1 A quarta expedição a Canudos – o tempo e a presença da difusão no espaço e de Euclides da Cunha**

Os artigos de Euclides da Cunha permitem a percepção de manifestações que acabam delineando a presença da inovação. A espacialização da inovação vai contar também com as manifestações contrárias ao seu ideal (repulsa e indignação), que acabaram disseminando os elementos-chave desta magnitude alcançada.

Euclides da Cunha acompanhou a quarta expedição militar a Canudos, sob o comando do General Artur Oscar, como correspondente do Jornal Folha de São Paulo. Durante o período que acompanhou o conflito, produziu 25 artigos publicados quase que simultaneamente no jornal supracitado. Estes artigos deram origem mais tarde aos Sertões, exemplar da literatura nacional que narra a Guerra de Canudos.

Os artigos serão utilizados como fonte documental para estabelecimento de uma cronologia sistemática de espaços-tempo das manifestações de difusão da inovação no espaço. Esta colocação será possível também pelo fato destes artigos cumprirem a rota de aproximação do núcleo de Canudos formalizando dimensões espaciais de distâncias.

Estes serão divididos em cinco grupos pela localidade geográfica de Euclides da Cunha ao redigi-los, a partir desta divisão serão interpoladas as informações referentes às manifestações e as referências diretas a Teoria de Difusão no Espaço ao longo do Tempo. A divisão dos grupos é a que se segue:

Grupo 1 – Salvador : 11 artigos produzidos dos dias 10 de julho de 1897 a 23 de agosto de 1897

Grupo 2 – Alagoinhas, Queimadas, Tanquinho, Cansanção, Quirinquinquá: 04 artigos produzidos dos dias 31 de agosto de 1897 a 05 de setembro de 1897

Grupo 03 – Monte Santo: 02 artigos produzidos dos dias 06 a 11 de setembro de 1897

Grupo 04 – Canudos: 06 artigos produzidos dos dias 10 de setembro de 1897 a 01 de outubro de 1897

Grupo 05 – Queimadas: 02 artigos produzidos dos dias 20 a 25 de outubro de 1897

3.2 Os discursos sobre Canudos – verdadeiros “interdiscursos”: os textos de Euclides da Cunha; narrativas literárias e discursos científicos

As publicações e bibliografia disponíveis e produzidas a cerca deste tema são incontáveis. Recorre-se, primordialmente, como fonte primária, aos artigos escritos por Euclides da Cunha como correspondente da Folha de São Paulo durante a Quarta Expedição a Canudos por ele acompanhada.

Estes documentos têm sua relevância determinada, principalmente, por uma percepção sensorial completa. O narrador vivencia o conflito, o meio e se relaciona diretamente com os indivíduos que formam o evento. Euclides da Cunha está imerso na essência do objeto que narra; não descreve sua estrutura e sua rede de relações, faz parte dela.

A partir de um gesto filosófico, toda pesquisa deve ser o menos interpretativa possível, embora não exista uma neutralidade completa, e a análise como etapa fértil e produtiva deve ser elaborada através do “mergulho” nos extratos de um conceito.

Parte-se então das interpretações de Euclides da Cunha. A percepção do mundo observado se dá a partir das interpretações que são únicas para cada observador, pela relação subjetiva da experiência pessoal acumulada: tal experiência é exclusivamente individual e subjetiva, pois a percepção envolve os sentidos e vivência indescritível da apreensão do mundo.

A construção do objeto se dá através das interpretações. Estas devem ser sempre delineadas de forma a não se aterem somente às descrições que acabam por desativar as determinações lógicas do típico conhecimento científico.

O aspecto relevante a ser observado se encontra nas essências – como bases fundamentais. Para se chegar as chamadas essências evidencia-se então o conceito de redução; assim o objetivo é reduzido ao seu núcleo essencial, para que sejam ampliadas todas as suas possibilidades de atuação – no sentido de associações.

Diversos elementos constituem esta busca pelas essências recontextualizadas na existência, dentre as quais se destaca a percepção, que além de armazenamento de dados na memória, privilegia o corpo além do ver. O fato do ser humano ser corpo, vivenciando o



(e no) tempo e espaço, todas as experiências do mundo, que são individuais e infinitas. “ A verdade é aquilo que eu vivo!”<sup>6</sup>, ou seja, uma experiência subjetiva.

A essência do mundo tem sua manifestação prévia à tematização estabelecida pelo indivíduo, mas a experiência vivida é corpórea, sensível, inesgotável e infinita, assim como a verdade é a manifestação da experiência individual, do vivido, ampliando a consciência da necessidade de se projetar no espaço para a partir de então permitir o contato com o mundo.

Assim, o discurso de um só indivíduo, Euclides da Cunha, é considerado como experiência vivencial, verdade explicitada através de sua narração, documento verdadeiro de uma vivência em tempo e espaço real do objeto delineado – a Guerra de Canudos e suas manifestações espaciais.

Como colocado anteriormente o discurso ou a narrativa vivenciada não consegue se desvincular das associações feitas pelos indivíduos ao que pode ser chamado de repertório individual. Nas narrativas sobre o evento Guerra de Canudos os discursos foram transformados em interdiscursos e um deles pode ser considerado básico: o do fanatismo e da criminalidade.

O imaginário coletivo foi povoado por um consenso nacional unânime; manipulado e manipulador que traçava o perfil dos conselheiristas como “fanáticos”, “monarquistas”, que viviam em “hordas” ou “bandos”; gente de alta periculosidade que “alterava a ordem pública” com o fim de destruir a República.

Esta forma de perceber os sertanejos conselheiristas não era somente consequência dos acontecimentos cada vez mais surpreendentes, violentos e vergonhosos que vinham se desenvolvendo desde novembro de 1986, quando as forças sob o comando do Major Febrônio de Brito, voltavam descalços, dizimados e destruídos do sertão.

A opinião pública podia recorrer a um discurso já elaborado, cujos elementos - chaves foram cunhados desde as primeiras notícias sobre o aparecimento do peregrino cearense nos sertões de Sergipe e da Bahia.

Os sertanejos são percebidos dentro do campo semântico do “selvagem”. Assim, pode ser firmada uma incoerência racional: se os sertanejos são selvagens eles não podem ser monarchistas, já que lhes falta a instrução e a modernidade para compreender as diferenças

---

<sup>6</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999.p.3.

entre sistemas distintos como a monarquia e a república. Esta colocação foi feita primeiramente por estudantes da Bahia em um manifesto que data de 1898.<sup>7</sup>

Este interdiscurso básico classifica a Região de Canudos como espaço geográfico do crime, da barbárie e da incivilidade. A solução seria a ira sanguinária sobre os que não se encaixam na estrutura sistêmica superior, civilizada e eficaz para o desenvolvimento dos indivíduos.

A criminalidade do Conselheiro e do seu séquito é um axioma, que não precisa ser adequadamente provado. O discurso de criminalidade se auto-sustenta na relação de um triângulo sertão – fanatismo – crime. Este triângulo discursivo se impõe no lugar de provas ou acusações concretas, servindo como âncora do interdiscurso básico.

O verdadeiro crime era o de causar sérios transtornos ao regime de trabalho no sertão. A mobilização de centenas de pessoas afetou o sistema de trabalho; famílias inteiras se deslocaram, abandonaram não somente as suas casas, mas também o seu trabalho dirigindo-se a Canudos. Esta enorme mobilização é a tradução da “alteração da ordem pública”. Esta significava uma ameaça à base do poder do coronelismo.

A formação da Região de Canudos, a difusão da inovação Antônio Conselheiro, o alcance espacial concreto de sua influência é que foram considerados verdadeiros crimes. A partir do momento que se concretiza no espaço geográfico um arraial, uma organização espacial conformada e povoada torna-se necessária a intervenção que determina seu fim, a tão aclamada volta da ordem pública.

A relevância destes interdiscursos está diretamente ligada a sua definição. Segundo Link (1972) interdiscursos são discursos co-existentes com os discursos especiais, rigidamente regulamentados (como os científicos); os discursos cotidianos não específicos, nos quais os elementos de diversos discursos se encontram, tornando-se assim elementos discursivos coletivos.

A grande e necessária colocação é que estes interdiscursos são também formadores de um perfil, não só dos indivíduos que participam do evento, como também do espaço geográfico que habitam. A Região de Canudos é descrita através destes interdiscursos, as relações desta comunidade e seu reflexo no espaço são dados por eles e conseqüentemente denotam adjetivos e características já carregadas de opiniões específicas fundamentadas em preconceitos.

#### **4. Análises sobre a formação da Região de Canudos**

---

<sup>7</sup> MANIFESTO dos estudantes superiores da Bahia aos seus colegas e aos republicanos dos outros estados, Bahia: Typ. Do “Correio de Notícias” 1897.

#### 4.1 A definição dos limites da Região de Canudos: Antônio Conselheiro – “a inovação difundida no espaço”

Alguns aspectos são considerados fundamentais na teoria do Movimento no Espaço ao longo do tempo: Difusão, de Torsten Hägerstrand, utilizada como base para esta análise regional.

Os fatores-chave apontados na teoria são tempo e mudança. Na formação da “área cultural” que delimita a Região de Canudos o tempo é conotado pela janela de espaço tempo na qual o Arraial se forma (1893 a 1897); esta consideração não se desvincula dos contextos gerais que envolvem este intervalo.

A mudança se desdobra em espacial, percebida pela formação de uma cidade de porte médio no semi-árido baiano. A modificação da paisagem (considerando aqui o sentido amplo e perceptivo do espaço), toma como prerrogativas até mesmo a modificação de hábitos, da práxis, dos ritos cotidianos e conseqüentemente do chamado gênero de vida.

Outro fator relevante, considerado pela teoria base, é o movimento de novas idéias e pessoas em uma área, abordando vários períodos de tempo. O ideal Antônio Conselheiro pode ser configurado como a inovação. Seu movimento se deu principalmente nos sertões sergipanos e baianos, até a escolha do arraial que se tornou Bello Monte (denominação dada a área pelo Conselheiro) a partir de sua fixação naquela localidade geográfica.

A partir de então os períodos de tempo a serem considerados neste estudo estão diretamente relacionados ao movimento de influências, ou ideais personificados por Conselheiro e não em um deslocamento físico propriamente dito. A inovação não mais se deslocava. O grupo de atores que concretiza o processo é formado pelos conselheiristas (representantes do séqüito de Antônio Conselheiro).

A catalogação documental desta movimentação da inovação foi feita por Euclides da Cunha, ator desvinculado do grupo de “seguidores”, mas imerso no contexto devido ao contato com os conselheiristas. A definição do tempo se deu através deste contato. A locomoção de Euclides da Cunha até o arraial ,acompanhando a quarta expedição do exército republicano, durou 103 dias e rendeu 25 artigos para o jornal Folha de São Paulo, do qual era correspondente.

A disseminação da informação e adoção da inovação ocorreu de forma oral, devido principalmente a época na qual se desenvolveu o conflito. Esta disseminação foi executada principalmente pelos conselheiristas, mas também pelos militares que tinham contato com o grupo e a assimilação pode ser definida em dois universos: o dos conselheiristas que viviam segundo a inovação e os militares que reconheciam a inovação, mas lutavam contra ela.

Quanto ao processo de adoção, este é considerado na teoria base como um complexo processo de aprendizagem, aceitação e decisão. Neste ponto, a imersão no contexto (evento) dos indivíduos envolvidos no processo como difusores da idéia, não permite uma análise hierárquica destes processos e sim uma configuração sintomática.

Tanto conselheiristas quanto soldados entendem a existência de diferenças entre ideologias vigentes e as propostas por Antônio Conselheiro. A aprendizagem consiste em considerá-las “sagradas” ou “profanas”, dentro do contexto ideológico do qual fazem parte. A aceitação por parte dos conselheiristas se dá, principalmente, pelo fato da proximidade do homem como (corpo) sertanejo e do meio - fazem da inovação uma espécie igual. Os militares não chegam a este ponto do processo, não existe aceitação, somente a decisão de não aceitação.

Quanto ao processo de decisão, o grupo de séqüitos de Antônio Conselheiro se decide pela difusão em massa das idéias e defesa sem limites ou divisas da inovação e do reflexo espacial desta.

A natureza das mudanças é essencialmente político-social, a partir do momento em que as propostas inovadoras promovem uma modificação dos moldes vigentes e conseqüentemente um recorte espacial necessário à concretização das mesmas. Parte-se aqui da necessidade basilar do ser humano em promover organizações espaciais que ditem as diretrizes do comportamento social do grupo do qual faz parte.

A introdução com êxito de idéias no sistema, a Região de Canudos, deve considerar os conceitos de estruturalismo e sistema, essenciais para o entendimento da formação desta área. Esta região só se configurou espacialmente a partir do momento que se conforma estruturalmente e permite a difusão de forma sistêmica da inovação. Um sistema desestruturado não consegue organização suficiente para que ideais sejam difundidos em todos os estratos dos quais é formado.

O inovador inicial em todos os grupos é Antônio Conselheiro que se coloca não só como indivíduo, mas como verdadeiro ideal - a personificação que consegue formalizar uma região. Já os condutores inicialmente são os militares que, vindos do sertão, noticiam casos e manifestações de forma sistemática e muitas vezes impressionista.

Na medida em que existe uma proximidade espacial com a “Região de Canudos” as manifestações também são vivenciadas através do contato direto com os conselheiristas, os condutores que dão as vidas em defesa de seu espaço e do gerador deste espaço.

O campo da informação é considerado como uma extensão espacial dos contatos e se confirma através da aproximação de Euclides da Cunha do núcleo de Canudos e conseqüente modificação dos padrões comportamentais e seu reflexo no espaço.

Este reflexo é representado por narrativas de episódios, mudanças de paisagem e modificações na ambiência física e psicológica. Estas modificações comprovam também que a densidade de contatos incluídos no campo da informação individual deve diminuir à medida que a distância aumenta.

O campo médio da informação que generaliza os campos quanto a um grupo de pessoas idênticas é claramente percebido a partir da observação de como a inovação se difunde entre os grupos de conselheiristas e militares. Antonio Conselheiro, sertanejo, tem no seu grupo “congêneres”, adeptos formadores de um campo médio disseminador e formador do espaço; o grupo de militares pode ser considerado um outro campo médio que promove a difusão da inovação a sua maneira, como região inimiga.

O efeito vizinhança leva maiores probabilidades da inovação ser adotada em torno de adotantes já existentes. A formação da “Região de Canudos” se deu através de adotantes que habitavam regiões contíguas ao núcleo inicial de Canudos, a velha fazenda ocupada pelo Conselheiro e posteriormente nomeada por ele de Belo Monte.

A partir do momento que a região, crescia o número de adotantes atingidos por este efeito também se tornava maior, formando assim uma cadeia estruturada de desenvolvimento e crescimento da região. A preexistência de adotantes pode ser considerada principalmente pelo fato destes fazerem parte de uma outra região – o sertão.

#### 4.2 A paisagem de Canudos

A paisagem sertaneja é para observadores eventuais de desolação e morte. O amarelo-pardo da vegetação ressequida predomina ao longo dos percursos surgindo como inanição de um elemento vivo.

Na descrição de Euclides da Cunha (1939) “... entre um chão inteiramente seco e uma atmosfera cuja umidade é insignificante, a vegetação reflete singularmente a inclemência do meio”.

Ao mesmo tempo em que pode ser configurada como monótona e árida a região sertaneja é considerada caótica. A vegetação retorcida e espinhosa se coloca como em meio a uma luta pela sobrevivência e adaptação.

A conservação individual e da espécie adquire neste meio-físico uma capacidade de resistência prodigiosa – que pode ser relacionada também ao sertanejo.

As relações sociais deste indivíduo com o seu espaço geográfico também denotam uma especificidade localizada. As relações de classe restringiam-se entre o latifundiário,

proprietário de grandes extensões de terras, e o homem sem terra, que correspondia a grande maioria da população.

Para o homem do sertão a luta pela vida passava pelo limite da dignidade pessoal. Segundo Machado<sup>8</sup>, o sertanejo “trazia no íntimo a esperança de uma esperança, de uma felicidade distante. Buscava no fantástico a solução de seus problemas”.

Nas observações feitas por Antônio Filho<sup>9</sup> o misticismo tornou-se assim, no desenrolar dos dramas sociais do sertanejo, um elemento de união. Desta forma, o fenômeno do misticismo, centrado em Antônio Conselheiro e Canudos, não foi de modo algum excepcional. Muito pelo contrário, todos os ingredientes ali estavam prontos para dinamizar o processo histórico da experiência canudense.

Canudos, apesar da mimese com o espaço geográfico no qual estava inserida acaba por configurar um recorte representado pelo ideal encarnado por Antônio Conselheiro. Este ideal, a inovação, ia muito além do simples fato de não pagar impostos; colocava nos fatos e no espaço a expressão da dignidade sertaneja.

Apesar da pobreza, a população canudense tinha o suficiente para viver dignamente. O conselheiro não fazia exigências, nem pedia nada a seu séquito, daí a possibilidade de manutenção de um espaço sem a cobrança de impostos, sem receitas públicas – o cooperativismo.

Segundo Antônio Filho (1996) a população de Canudos era praticamente auto-suficiente e trabalhava sob um sistema de coletivismo e também recebia doações que chegavam de várias localidades. O que pedia o Conselheiro em troca por este espaço geográfico livre e democrático? Ética e moral, que pesavam agudamente sobre as ações e comportamento individual da população que formava o arraial.

Os cidadãos não sofriam nenhum tipo de discriminação – nem de raça, nem de classe. As leis e as autoridades eram consagradas pela comunidade em consonância com os valores emanados da visão místico-religiosa adotada por Antônio Conselheiro, o líder espiritual.

Diante da formação espacial de uma região que redimia o sertanejo de sua “sina” – destino irrefutável de sofredor e perdedor – cresce o Arraial de Canudos. Em ritmo vertiginoso, o arraial torna-se densamente povoado e delinea sua região de influência muito além de sua sede altamente ocupada – a Região de Canudos.

---

<sup>8</sup> MACHADO, C.M. *As táticas de guerra dos cangaceiros*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.

<sup>9</sup> ANTONIO FILHO, Fadel David. Canudos de Antônio Conselheiro: revisão sobre um incomodo espaço de relações. *Revista Geográfica*. São Paulo.v 13,7 22,1996.

A magnitude de Canudos (chamada de Belo Monte pelo Conselheiro) é demonstrada através do censo castrense<sup>10</sup>, que revela um crescimento demográfico de aproximadamente 10.335% em quatro anos, o que equivale a um incremento populacional de 219,6% ao ano, entre junho de 1893 e outubro de 1897.<sup>11</sup>

Comparando-se ao país como um todo, houve um crescimento populacional de 6.500% nos seus 500 anos de história, o que equivale a uma taxa de incremento anual de 0,84%.

Os números apresentados, situam o Arraial de Canudos como o 17º núcleo populacional entre os 72 municípios do Estado da Bahia de então (1897). Diante destas colocações, o povoado pode ser reconhecido como um notável caso de liderança de massa e de um bem sucedido modelo de organização social e econômica capaz de prover a subsistência de tamanha população na região mais pobre do semi-árido baiano.

Enfim pode-se delinear o objeto “Região de Canudos” por três elementos fundamentais (que são complementados por aspectos subjacentes não menos relevantes):

- o meio-físico e suas especificidades que determinam fatores como a sobrevivência;
- as relações que surgem entre os diversos atores que formam o evento: o meio, o homem e a luta; e
- a magnitude do arraial frente à população do país em sua contemporaneidade.

Pode-se, a partir destas colocações, considerar que o líder sertanejo, idealizador e implementador do Belo Monte, se incluiria na galeria dos administradores das cidades de médio para grande porte da época.

#### 4.2 Manifestações Conselheiristas x percepção espacial: o limite sensível da “área cultural” da Região de Canudos

Através da divisão dos artigos de Euclides da Cunha proposta na metodologia podem ser analisados os momentos e as conseqüentes manifestações que modificam o espaço geográfico conformando a Região de canudos, objeto de estudo.

##### 1º momento – Grupo 1 – Salvador

Grande parte da empreitada nos sertões de Euclides da Cunha foi passada na capital Salvador. Este fato se deve principalmente à questão das dificuldades de comunicação e

---

<sup>10</sup> BRAZIL – MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO, *Censo de 1890*, Distrito Federal, 1916.

<sup>11</sup> MARTINS, Paulo Emílio Matos. Canudos@, Canudos, jun. 2000. Disponível em: <<http://www.canudos.com.br>. Acesso em: janeiro de 2004.



movimento nesta região semi-árida do Brasil. Diante desta constatação torna-se ainda mais impressionante a magnitude e até mesmo a formação da “Região de Canudos”.

A modificação da paisagem formada pela cidade de Salvador que “se revestiu da feição (guerreira) assumida nestes últimos dias” promove o entendimento do alcance da difusão; são relatadas transformações dos ritos cotidianos como se existisse um filme recobrando o espaço e conseqüentemente modificando a forma como este é visto.

“Modificaram-se hábitos arraigados, e, violentamente sacudida na onda guerreira que irrompe do sul, transfigurou-se.”<sup>12</sup>

Euclides chega a comparar a agitação da cidade aquela promovida pela luta pela independência, pode-se vislumbrar aqui a relevância do conflito; e os conflitos como um estado que promove mudanças na paisagem e em seus formadores. Neste ponto geográfico, as manifestações são colocadas primordialmente pelos combatentes que voltam da guerra e por isso as manifestações são de dor e derrota.

Pode-se em uma ampliação de influências considerar a difusão da inovação presente já neste espaço. O elemento difundido, inovação, é desconhecido por grande parte da população, mas é trazido pelos combatentes através da força da derrota e pela modificação das diretrizes comportamentais provocada por estes.

Assim, podem ser colocadas questões que, na formação de uma “área cultural” promovem um diferente processo metodológico de difusão. Até onde o contato direto com a inovação proporciona ou está vinculado à sua difusão? Pode-se relacionar assim a ida até Canudos de todos aqueles sertanejos? O limite geográfico desta contaminação pela inovação se relaciona diretamente a este contato?

O contato direto promove, claramente, o desenvolvimento de uma força nos indivíduos que é refletida na dureza com que encaram os fatos a partir do momento que participaram da luta. Passa a existir uma práxis e uma mimese com o ambiente (meio físico-natural) que permite o avanço (geográfico) dos limites desta difusão.

“No princípio da luta eram cenas cotidianas estas ...”<sup>11</sup>

O que podem ser vistos, já a partir de Salvador, são processos de construção e afirmação de comportamentos, delineados e delimitados pela inovação.

Neste momento, a grande comprovação de que a difusão se dá pela inovação que é Antônio Conselheiro e que este se matem sobre preceitos inabaláveis (diretamente

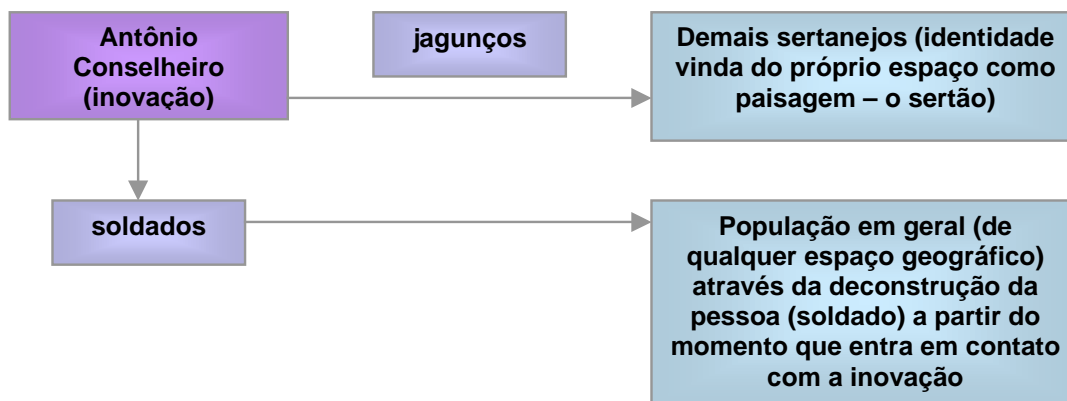
---

<sup>12</sup> CUNHA, Euclides da. Canudos-Diário de uma Expedição. Rio de Janeiro, Liv. José Olympio editora, 1939.



ligados ao elemento difusor – sertanejos, e o meio físico em que se encontram). Os fundamentos poderiam não ser inteiramente entendidos pelos sertanejos, no entanto a proximidade com a sua realidade incita a aceitação da inovação (campo médio da informação).

Os militares, por sua vez, perdidos em um ambiente inóspito acabam lutando por sua sobrevivência, já que os objetivos maiores se distanciam cada vez mais de suas realidades na batalha e estes acabam retornando como difusores da inovação. A rede de comunicação da difusão está formada:



“Perdido no deserto, jungido a provações imensas, muitas vezes sem os mais elementares recursos e sob o ataque persistente e traiçoeiro do inimigo, o soldado brasileiro jamais patenteará abnegação maior.”<sup>11</sup>

Numa ação e reação constante, uma outra rede de difusão de resistência vai promovendo um cerco no limite geográfico conformado pela inovação. Esta também é considerada uma realidade que comprova a difusão da inovação através de comportamentos específicos. A necessidade desta formação contrária se dá pela concretização no espaço da região; a inovação deve ter sua difusão estancada espacialmente, socialmente, culturalmente e politicamente.

O meio ambiente com todas as suas nuances – desde as voçorocas abertas pela erosão, por volumes de água inconstantes até as paragens que possuem uma vegetação cerrada – configura-se ao mesmo tempo como um entrave ao desenvolvimento da marcha do exército republicano, mas também como uma ajuda ao desenvolvimento da marcha dos conselheiristas.

Este meio ambiente proporciona matéria-prima para aqueles que não possuem a tecnologia (considerando aqui a tecnologia do exército) e sabem retirar (ou se apropriar) da melhor forma possível de tudo que facilite a difusão da inovação.

Em um dado momento existe o contato direto com um conselheirista prisioneiro, o adolescente Agostinho de 14 anos. Este contato transforma as informações distantes em fatos reais e vinculados a um difusor que convivia com a inovação.

Segundo Agostinho o Conselheiro se coloca inatingível permanecendo assim a aura de dominação através de castigos severos – a proximidade se dá pela sua condição de sertanejo. Conselheiro não formula promessas descabidas e não se coloca como santo, promete somente a salvação da alma.

A inovação não tenta subverter ou ludibriar seus iguais, rasga frente a eles a realidade e se torna uma inovação confiável, representante real e próximo do sertanejo. No sentido de adoção da inovação a fase de aprendizagem se dissipa (é totalmente reconhecido – memória e associações multidirecionais), ficam as fases de aceitação e decisão como conseqüências óbvias da presença de Antônio Conselheiro.

A descrição da paisagem é formada pela fisionomia e morfologia do espaço (características do meio ambiente físico) que acontece de forma independente. A natureza bela da Bahia é descrita em detalhes, serena no momento em que não se enxerga nenhuma apropriação humana; ou nenhuma interação com os eventos que ali se desenrolam.

Esta descrição se une em alguns momentos a animação dos militares que velavam pela república, mas está vinculada a uma noção abstrata de pátria; somente assim se têm artifícios para tamanha campanha em ambiente tão árido. Considerar que todo o território é uma só pátria, um só espaço, faz com que a interrupção da difusão da inovação seja um procedimento não só necessário, ms essencial.

Enfim, pela descrição do próprio Euclides “...nesta hora mesma, aqui (Salvador), há velas que se acendem em recônditos altares e preces fervorosamente murmuradas com prol do sinistro evangelizador dos sertões cujos prosélitos não estão todos lá ...”<sup>13</sup>

## 2º momento - Grupo 2 – Alagoinhas, Queimadas, Tanquinho, Cansanção, Quirimquinquá

Alagoinhas - Euclides da Cunha faz descrições minuciosas sobre fatores físico-ambientais ao longo de seu itinerário, mas a descrição de Alagoinhas é reveladora sobre como a difusão da inovação modificou a fisionomia dos espaços.

“Alagoinhas é realmente uma boa cidade extensa e cômoda, estendendo-se sobre um solo arenoso e plano...Na quadra atual o tabaréo anda esquivo e foragido; a grande praça principal da cidade em cujo centro se alevanta o barracão de feira que há muito não

---

<sup>13</sup> CUNHA, Euclides da. Canudos-Diário de uma Expedição. Rio de Janeiro, Liv. José Olympio editora, 1939.

tem, aos sábados, a animação antiga. Cada trem que vai para Queimadas repleto de soldados, cada trem que de lá volta repleto de feridos, é um espantinho assombroso para as populações sertanejas”.<sup>13</sup>

A modificação principal é vista através de outros ritos que se formam pela presença das tropas e pela ausência dos que já fazem parte do imaginário coletivo; a difusão é vista pela falta não só de ritos, mas pela migração da população, muitas vezes para o Arraial.

Queimadas – a cidade de Queimadas se modifica totalmente sobre a difusão da inovação; considerada limite tênue entre o sertão concretizado em todos os seus aspectos (tempo, homem e meio) e a resistência à expansão deste sertão.

Como todo ambiente de passagem não absorve elemento nem de um lado, nem de outro, não os incorpora, mas pairam sobre o espaço, como uma segunda camada (abstrata e real simultaneamente) aspectos que revelam a existência de uma guerra entre dois grupos diferentes. As apropriações são passageiras, mas deixam marcas indeléveis sobre o espaço geográfico.

Queimadas se coloca como uma cidade fantasma, as associações (memória) a um passado (temporal) próximo parecem distantes (como a passagem dos conselheiristas).

As marcas concretas de ocupação temporária, do exercito demonstram limites espaciais que definem áreas qualificadas em funções específicas e acabam sendo documentos históricos. Os limites de Canudos estão aqui, a inovação já foi além de Queimadas; mas este espaço permaneceu somente com as marcas.

Tanquinho – “Vou riscar da minha carta o pequeno círculo com que condecreei este lugar maldito e substituí-lo por um ponto imperceptível. Que todos os viandantes fujam destas duas casas velhas e acaçapadas em cuja frente os mandacarus esguios elevantam-se silentes e rígidos, como imensos candelabros implantados no solo, segundo a bela comparação de Humbolt”.<sup>12</sup>

O meio físico se torna cada vez mais agressivo, a cada vez que a expedição se aproxima de Canudos o sertão se configura mais “sertão”. Aumenta assim a proximidade com o Conselheiro e seus conselheiristas; esta aproximação que pode ser considerada uma mimese promove sem sombra de dúvidas uma acelerada difusão da inovação: Antônio Conselheiro.

Esta difusão diretamente ligada ao meio físico (conseqüentemente o geográfico – espaço), acontece pela constatação de como a inovação é fruto deste meio e mesmo assim consegue retirar dele algo vivo – o ideal.

Cansanção e Quirimquiná – estas duas localidades funcionam como pontos de apoio ao exército; mas mesmo as avessas continuam servindo de difusão da inovação.

Esta consideração pode ser feita a partir do momento no qual a inovação interferiu e modificou não só o meio ambiente, mas o tempo (no sentido de tempos de permanência), as aspirações, as relações e as associações dos indivíduos que habitam estes espaços; não só com o lugar, mas até mesmo com os outros indivíduos.

### 3º momento - Monte Santo

A descrição deste povoado consta como “acolhedor e pitoresco” e esta interação com o meio se concretiza devido ao tempo maior de permanência no povoado (partindo do princípio kantiano de relação afetiva com o tempo).

Monte Santo, ocupada pelo exército, se coloca como uma concentração de conselheiristas as avessas. Considerados como “contaminados” pela inovação, mas possuindo a máxima resistência contra a sua difusão.

O contato com militares que já estão na região há mais tempo provoca uma visão imediata da modificação dos ser humano induzida e concretizada pelo meio. Os não pertencentes a este estão distantes da sua força motriz para a batalha (a República), enquanto os conselheiristas estão próximos do seu ideal – a inovação.

Quem terá maior poder? Quem é capaz de formalizar no espaço geográfico uma região de influência? O jagunço Antônio Conselheiro ou o militar republicano?

A resposta está nas próprias palavras de Euclides da Cunha: “Parece que esta natureza selvagem vai a todos imprimindo uma feição diversa... Quase que vai tornando indispensável a criação de um novo verbo para caracterizar o fenômeno. O verbo ajagunçar-se, por exemplo. Há transformações completas e rápidas.”<sup>14</sup>

A força da inovação está presente aqui em notícias que não tinham chegado ainda a outras localidades “...enquanto o exército lhes ocupa grande parte de casas e os fulmina quotidianamente, num bombardeio incessante, os fanáticos distribuem de um modo notável a atividade, revesando-se, da linha de fogo para o campo onde cultivam mandiocas, feijão e milho! Fazem roças que devem ser colhidas no ano vindouro!”<sup>14</sup>

Canudos não se colocou derrotado, a inovação foi difundida e incorporada. Seus limites e alcance geográfico fazem dela uma fortaleza que não cessa seu funcionamento pelas tentativas de “encolhimento” de seu raio de influência.

---

<sup>14</sup> CUNHA, Euclides da. Canudos-Diário de uma Expedição. Rio de Janeiro, Liv. José Olympio editora, 1939.

#### 4º momento – Canudos (Belo Monte)

Cabe neste momento as palavras de Euclides da Cunha como definição inicial do espaço: “(...) divisamos o arraial imenso de Canudos (...) um terreno cuja disposição topográfica e constituição geológica são simplesmente surpreendedoras (...) inúmeras colinas se desdobram em torno da cidadela sertaneja, todas de mesma altitude (...) ilusão de uma campina unida e vasta (...) elipse majestosa de montanhas. Dentro dela estende-se a região caótica, irregularmente ondulada (...) o arraial tem a cor própria da terra em que se erige (...) se não existissem as duas grandes igrejas à margem do Vasa-barris, não seria percebida a três quilômetros de distância (...) tem-se a impressão (...) achar-se ante uma cidade extensa, dividida em cinco bairros distintos e grandes, revestindo inteiramente o dorso das colinas.”<sup>14</sup>

O quadro é deveras surpreendente a partir do momento que pode ser contemplada a magnitude do arraial. Apesar de ser um acervo incoerente de casas – todas com a mesma feição e a mesma cor, compactas e unidas no centro de cada um dos bairros distintos; a dimensão de extensão e quantidade de pessoas e moradias confirma a difusão da inovação no espaço.

O arraial e sua visão e fisionomia não demonstram a sobrenaturalidade dos fatos até então narrados. Mesmo assim surgem episódios que demonstram a formação de uma identidade a partir do contato com a inovação.

O sertanejo se reveste de ímpeto da luta e formula situações e ataques de quem foi treinado para o combate – este simplesmente está contaminado pela difusão.

“Ali estive no dia da peleja um único homem; e esse homem torturou batalhões inteiros! (...) 361 tiros deu aquele ente fantástico e talvez perdesse muito poucas balas(...) e não morreu.”<sup>14</sup>

Esta descrição do espaço que envolve muito mais os indivíduos do que o próprio lugar confirma a capacidade de difusão de uma inovação representada por um indivíduo altamente mimético com o espaço e com seu grupo e preparado frente ao sistema maior no qual está inserido – neste caso a República.

A Região de Canudos é então conformada pelos seres que acreditam nela, muito mais nele – o ideal Antônio Conselheiro; a partir desta crença surgem os ritos cotidianos, a práxis e os espaço se transforma em lugar, os trajetos em percursos e este conjunto configura a região – “área cultural” de Canudos ou Belo Monte.

A estada em Canudos proporcionou a possibilidade de contato direto com prisioneiros do conflito e, por conseguinte uma visão mais próxima do sertanejo, jagunço e conselheirista.

A resistência e a crença incólume na inovação destes indivíduos é confirmada nesta narração de Euclides da Cunha:

“Ainda não consegui lobrigar a mais breve sombra de desanimo em seus rostos, onde se desenham privações de toda sorte, a miséria mais funda; não tremem, não se acobardam e não negam as crenças mentidas pelo evangelizador fatal e sinistro que os arrastou a uma desgraça incalculável (...). Como explicar essa prodigalidade enorme dos jagunços? Não nos iludamos. Há em toda esta luta uma feição misteriosa que deve ser desvendada.”<sup>15</sup>

Com a proximidade geográfica do exército e o cerco cada vez mais armado, Canudos já patenteia o aspecto entristecedor de uma cidade em ruínas.

“Há dois dias que lavra em seu seio o incêndio – em fogo lento, lembrando atividade latente de fornos catalães, fogo sem chamas, progredindo através dos obstáculos derivados da argila.”<sup>14</sup>

Agora dentro do espaço criado pela inovação e seu séqüito somente o combate forja o lugar; o ideal é defendido quase que automaticamente, sem a esperança de retorno do que antes era a esperança dos sertanejos – o ideal.

Considerando a ocupação geográfica do núcleo de difusão da inovação o que pode ser visto é uma rotina de procedimentos e manifestações de guerra. O combate se torna práxis para os sertanejos e militares e os espaços se tornam lugares para guerrear; têm a relevância de pano de fundo para os atos de heroísmo ou barbárie praticados pelos dois grupos.

Dois momentos distintos podem ser ressaltados como modificadores da paisagem do evento: 28 de setembro de 1897 (17 horas e 30 minutos), cessa o combate por parte dos conselheiristas; os militares acreditaram primeiramente em uma rendição que depois se constatou inexistente.

Mais tarde a história vem demonstrara que naquele momento faleceu Antônio Conselheiro, acredita-se de “carreira”, como era conhecida a desinteria no sertão. Esta calma durou por pouco tempo e ferozmente as 19 horas os sertanejos atacaram novamente.

---

<sup>15</sup> CUNHA, Euclides da. Canudos-Diário de uma Expedição. Rio de Janeiro, Liv. José Olympio editora, 1939.

A conclusão é que a presença física do Conselheiro a esta altura já não era mais essencial, a inovação já estava arraigada e o que ela proporcionava seguiria mesmo sem a sua manifestação corpórea.

“Realmente alguma coisa de anormal passa-se em frente, no arraial... quando uma explosão formidável feita pelos disparos simultâneos das armas despedaçou o silêncio e a noite e um turbilhão de balas caiu rugindo sobre nossa gente...”<sup>14</sup>

O segundo momento a ser destacado é o “passeio” feito por Euclides da Cunha no interior do arraial e as impressões e relatos do espaço ocupado pelos conselheiristas.

“... não consegui descobrir a propalada disposição em xadrez das casas... ausência quase completa de ruas, em grande parte substituídas por um dédalo desesperador de becos estreitíssimos, mal permitindo, muitos, a passagem de um homem.... conjunto de feição indefinível, constituindo um largo imperceptível e imperfeito para o qual dão simultaneamente os quintais... as casas acumulam-se em absoluta desordem... como se tudo aquilo fosse construído rapidamente, vertiginosamente, febrilmente – numa noite – por uma multidão de loucos.”<sup>14</sup>

A feição do espaço conformado pelos conselheiristas dá uma impressão diferente da que se imaginava como um espaço disputado pela melhor qualidade de vida oferecida. Assim surge uma nova comprovação de que a Região de Canudos é uma “área cultural”, o lugar, o espaço, o meio era base; o que realmente era relevante era a inovação e a relevância que trazia para o povo sertanejo.

A batalha final vencida pelo exército culminou com o aniquilamento dos conselheiristas que ainda se encontravam no arraial. Somente assim a Região de canudos poderia ser eliminada. A paisagem era formada pelos conselheiristas, a presença da inovação só poderia ser vista através do séqüito do Conselheiro. O extermínio completo dos sertanejos retirou a camada que revestia aquele espaço de qualificações especiais, voltou a ser o sertão – a região do sertão.

#### 5º momento – Queimadas:

“Nunca viu-se uma campanha como esta, em que ambas as partes sustentavam ferozmente suas aspirações opostas. Vencidos os inimigos, vós lhe ordenáveis que levantassem um viva à república e eles o levantavam à Monarquia e em ato contínuo atiravam-as as fogueiras que incendiavam a cidade, convencidos do que tinham o seu dever de fieis defensores da monarquia”<sup>14</sup>

Os artigos produzidos após finalizado o conflito demonstram , talvez pela proximidade temporal, uma imensa alegria e impressão de dever cumprido por parte das autoridades republicanas.

Este sentimento pairou sobre pouco tempo sobre o regime, logo surgiram manifestações que acabaram trazendo a tona interesses maiores e menos nobres do que a defesa da ordem pública.

Enfim, o espaço geográfico de Canudos nem mais existe, hoje submerso nas águas que formam a represa de Corobobó. Os elementos que restam formam ainda, em visões estruturalistas, a possibilidade de tentativa de entendimento desta “área cultural” que foi a Região de Canudos.

## 5. Conclusão

O discurso construído gera duas explicações válidas frente às reflexões feitas:

- 1) Considerando a relação com a Teoria do Movimento no Espaço ao longo do tempo: Difusão (Torsten Hägerstrand - 1953), Antônio Conselheiro pode ser considerado como estruturador sistêmico e por isso inovação a ser difundida naquele espaço geográfico específico. Dentro do conceito do Estruturalismo a inovação pode ser considerada como centro que promove a desconstrução dentro de um sistema – a República.

Esta idéia de centralidade pode ser diretamente relacionada à questão da difusão através de um elemento (Antônio Conselheiro), considerado estrutura principal por abarcar partes das estruturas subjacentes e funcionar como uma compilação destas.

As demais estruturas, que podem ser identificadas e classificadas são a República – como estado, o sertão – como ambiente físico estruturador, Canudos e Belo Monte – como espaços geográficos iguais com estruturas de formação diferenciadas.

O espaço é o mesmo, o lugar é diferente, partindo das reflexões sobre a formação de lugares de acordo coma as interpretações e sínteses feitas pelos indivíduos. Estas interpretações são imersas na cultura, nas associações e na inovação que modifica a lógica de entendimento da vida e, por conseguinte, do espaço ocupado pelos indivíduos de cada grupo.

Dentro destas colocações, estas estruturas são subjacentes ao serem consideradas indispensáveis ao entendimento das demais. Neste momento o espaço geográfico é possuidor de vocações e possibilidades, refletidas através desta estruturação. Esta pode



caracterizar limites e denominar “oficialmente” regiões que formalmente não existiriam como a conformada por Canudos e sua influência.

- 2) A Região de Canudos deve ser considerada como mais extensa geograficamente que a indicada inicialmente. Isto é devido à comprovação feita através dos conceitos colocados e das análises de que formou uma “área cultural”. Esta definição possibilita delimitar sua extensão através da modificação da práxis e das manifestações dos indivíduos, assim sendo seus limites geográficos estão diretamente ligados a estes que se tornam difusores não só da inovação, mas também da região formalizada.

O que surge aqui é uma segunda definição para o que é considerado o conceito de região nos casos em que esta é formada através da difusão de uma inovação que é um ideal (representado por um indivíduo). A região é conformada espacialmente pela modificação comportamental dos indivíduos de um ou mais grupos. Esta modificação se torna explícita o suficiente para modificar a paisagem cultural do espaço.

A modificação da paisagem cultural modifica principalmente as vistas e visadas, ou seja, a forma como os indivíduos não só vêem, mas se apropriam dos espaços. Esta apropriação passa a ser organizada por um evento. O espaço passa a ser interpretado por um viés antes inexistente que acaba delineando a sua fisionomia a partir deste fio condutor.

Esta interpretação espacial definida pode caracterizar uma região. Todos os indivíduos que ocupam aquele espaço se manifestam e seguem as mesmas diretrizes comportamentais, se organizam e organizam o espaço de uma mesma forma, dando a ele as mesmas qualificações e diferenciações.

Assim surgem as regiões formuladas por conflitos, por manifestações de crenças religiosas, por culturas isoladas, por formas de vivenciar o mundo. Assim surge a Região de Canudos, extensamente maior do que a influência definida historicamente, difundida no espaço e na memória por todos os indivíduos que participaram do evento – a Guerra de Canudos.

## REFERÊNCIAS

BENÍCIO, Manuel. *O Rei dos Jagunços*. Chronica Historica e de Costumes Sertanejos sobre os Acontecimentos de Canudos, documentada e commentada por Manuel Benício, Rio de Janeiro: Typ. do "Jornal do Commercio", 1899, p. 161-62.

CHIAVENATO, Júlio José. *As Meninas de Belo Monte*. São Paulo, Página Aberta, 1993.

CITELLI, Adilson. *Roteiro de Leitura: Os Sertões de Euclides da Cunha*. Editora Ática, 1998.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões (Campanha de Canudos)*. 31ª ed. Introdução de Walnice Nogueira Galvão. Nota Explicativa de Teresinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A., 1982. xxx+419p.

CUNHA, Euclides. *Canudos – Diário de uma Expedição*. Rio de Janeiro, Liv. José Olympio editora, 1939.

DERRIDA, Jacques. *Gênese e Estrutura e a fenomenologia*. In: -A Escrita e a Diferença. São Paulo: Perspectiva, 1967. p. 83-105.

MARTINS, Paulo Emílio Matos. *A Reinvenção do Sertão: Organização Social e Poder na Comunidade do Belo Monte (Canudos, 1893 – 1897)*. Tese de doutoramento em Administração, São Paulo, EAESP/FGV, 22 de abril de 1999.

MELO, Dante. *A Verdade sobre Os Sertões – Análise Reinvidicatória da Campanha de Canudos*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1958.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

PIAGET, Jean. *O estruturalismo*. Tradução Moacir Renato Amorim. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

PILETTI, Nelson. *História do Brasil: da Pré-História do Brasil à Nova República*. 9ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 1989. 240p.

PINTO, Pedro. *Os Sertões de Euclides da Cunha*. São Paulo, Livraria Francisco Alves, 1930.

VENTURA, Roberto. *Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na Urbs Monsruosa*, Extraído de: Abdala Jr., Benjamin & Alexandre, Isabel, orgs. *Canudos Palavra de Deus Povo da Terra*. São Paulo, Editora Senac São Paulo, Boitempo Editorial, 1997.

VILELA JÚNIOR, Marcos Evangelista da Costa. *Canudos: Memórias de um Combatente*. Apresentação e organização: Ruth Villela Cavalieri. São Paulo: Ed. Marco Zero/ Brasília: INL, 1988 (Manuscritos de 1951; publicação *post-mortem*). 144p.